



CULTURA DIGITAL NUM CURRÍCULO EM REDE



Viviane Flores
Consultora pedagógica e coordenadora da equipe de Assessoria Pedagógica da FTD Educação

Atualmente, vivemos uma transição de cenários, dentro do ambiente escolar, do ponto de vista estrutural, para o acesso às tecnologias. Passamos por um período em que uma escola equipada representava status e sintonia com o que havia de mais moderno em educação para uma condição já estabelecida. Ou seja, o uso de muitas ferramentas tecnológicas já não é novidade.

Mesmo as escolas mais populares, hoje, já apresentam certo nível de equipamentos que suportam o uso de recursos midiáticos como ferramentas didáticas. A própria popularização do acesso a tablets e smartphones acelerou a entrada dos recursos nas escolas, mesmo que pelas mãos de alunos e professores. Dados do Centro Regional de Estudos para o Desenvol-

vimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) revelam que 85% das escolas da rede privada já estavam equipadas com computadores e tablets para uso pedagógico em 2014.

O desafio atual, portanto, é o de como e o que fazer nas escolas com o aparato tecnológico. Encontramos ainda fragilidade nos projetos pedagógicos no que tange à incorporação de ferramentas de mídia como meio para potencializar os estudos e fazer os alunos avançarem em sua aprendizagem. Segundo o projeto *Padrões de competência em TIC para professores*, da UNESCO, os docentes precisam adquirir a competência que lhes permitirá proporcionar a seus alunos oportunidades de aprendizagem com apoio da tecnologia. Para tanto, é essencial que os professores se capacitem para esse uso, considerando toda autonomia dos estudantes. Trabalhar com simuladores, com os recursos educacionais digitais e abertos e com as sofisticadas ferramentas de levantamento de dados e análise são apenas alguns dos recursos que dão aos professores oportunidades para o entendimento conceitual. As práticas educacionais tradicionais já não oferecem aos futuros professores todas as habilidades necessárias para capacitar os alunos a sobreviver no atual mercado de trabalho, conforme afirma a comissão de educação da



©All Keven Yuceel/Stockphoto

UNESCO, com base no relatório de Jacques Delors chamado *Educação: um tesouro a descobrir*, publicado no Brasil em 1996.

Muitos estudantes fazem uso dos recursos por iniciativa própria, mesmo contrariando a ordem das aulas propostas. Quando há, por exemplo, uma ferramenta de pesquisa no bolso de boa parte de uma turma, professores exploram infinito conjunto de slides para abordar os assuntos, acreditando que, dessa forma, estão fazendo uso de tecnologia e ganhando o interesse das turmas. Potencialmente, há pontes que ainda não foram criadas pelos professores entre o que pode ser mais bem tratado com o apoio de recursos digitais e o que simplesmente passa a ser considerado no currículo para uma geração que tem acesso à informação de um jeito novo.

Tratar temas como novidades quando eles estão acessíveis pelos alunos também é outro desvio do papel docente e que precisa ser substituído pela singular interação. Quando há uma rede e ela é vista como a grande balizadora do currículo, podemos verdadeiramente mudar a escola, tornando-a mais integrada aos sujeitos.

Pierre Lévy, em seu livro *A inteligência coletiva*, traz a reflexão sobre um conhecimento que pode ser construído por uma rede em que diferentes inteligências são consideradas – a rede que só se torna possível quando todos os saberes são relevantes para um conhecimento que será novo para todos. A tecnologia digital permite que a mobilização desses saberes ocorra numa dimensão muito mais ampla, trazendo diferentes contribuições para que surja o novo. Pensar num currículo que considere esse compartilhamento e o coletivo é, sem dúvida, algo importante, se considerarmos os desafios do mundo em que vivemos.

O trabalho em rede, com o compartilhamento de saberes, pode ser de fato o grande eixo para o uso de tecnologia num sentido mais amplo no ambiente escolar. Quando grande parte dos professores pensarem nas propostas em rede, definitivamente teremos virado a chave para a cultura digital nas escolas.

Em *Ideologia e currículo*, Michael Apple reflete sobre a necessidade de considerar os contextos e saberes presentes nas salas de aula na composição dos currículos, o que atualmente reforça a necessidade de uma nova educação na era digital, com nativos digitais. Não falamos apenas de relacionar conteúdos às práticas digitais, mas de propor uma visão crítica dos usos das ferramentas digitais e de comunicação.

Mudar a relação com o aprendizado em nossas salas de aula, que podem estar estabelecidas em todos os lugares a partir da mobilidade, é o grande ganho quando incorporamos a tecnologia numa nova relação com o saber. Se professores, gestores, estudantes e toda a comunidade operarem por esse objetivo, nossas escolas ganharão muito. ■

central.atendimento@ftd.com.br